

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Formação profissional

HISTÓRIA ORAL NO SERVIÇO SOCIAL ALAGOANO: APROXIMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

VALDERÍ TELES DO NASCIMENTO NETO ¹

Resumo:

O texto apresenta alguns elementos sobre história oral e serviço social. De maneira que aproximação inicial com tema se dá pelo desenvolvimento da pesquisa sobre história e memória do serviço social alagoano e suas trajetórias profissionais. Compreendendo assim, que o debate sobre serviço social e história oral amplia as possibilidades da construção do conhecimento na área.

Palavras-chave: Serviço social; história oral; memória.

Abstract: The text presents some elements about oral history and social work. Therefore, the initial approach to the topic occurs through the development of research on the history and memory of social work in Alagoas and its professional trajectories. Understanding, therefore, that the debate on social work and oral history expands the possibilities for building knowledge in the área.

Keywords: Social work; oral history; memory.

1. Introdução

A história oral no cenário brasileiro, bem como no debate mundial, segue avançando em seus diversos aspectos. Sem dúvidas, as transformações atuais no plano do horizonte tecnológico podem ser avaliadas como positivas, mas exige um movimento de adaptação, incorporação e avaliação das técnicas a serem utilizadas, a fim de refletir sobre as possíveis formulações sobre o tema.

¹ Universidade Federal de Alagoas

No serviço social o debate sobre história oral vem se ampliando e provocando novas possibilidades para a construção do conhecimento em diversos cenários, seja na atuação profissional cotidiana a partir de experiências interventivas na realidade, até nos espaços acadêmicos de pesquisa. A história oral, segue ganhando espaço e vem demonstrando sua importância para a construção de práticas profissionais, pesquisas acadêmicas e para as lutas sociais no serviço social.

Neste artigo, busca-se apresentar, mesmo que de modo introdutório, elementos que nos aproximam da metodologia de pesquisa em história oral, além contribui para podermos compreender os processos e suas mediações no resgate da história e memória do serviço social alagoano a partir das trajetórias profissionais de assistentes sociais formados entre as décadas de 1950 e 1980. Tal aproximação, vem nos provocando importantes reflexões e nos conectando a história do serviço social e suas tramas na realidade do Nordeste e nas particularidades do Estado de Alagoas.

No percurso de muitas conexões, tentamos trazer uma breve discussão sobre fontes orais como ferramentas para analisar a história e as possibilidades de construção do conhecimento, tendo destaque alguns autores/as a exemplo de Alberti (2013), Portelli (2016), que discutem sobre o tema e contribuem de forma significativa para análises sobre a história oral e suas possibilidades na pesquisa. A história oral no serviço social brasileiro, tem construído muitas reflexões a partir dos estudos de Martinelli (2019) a qual fazemos referência no item dois do texto que aqui apresentamos. Já no item três, trazemos um panorama da proposta de pesquisa sobre história e memória do serviço social alagoano, tendo em vista que a pesquisa segue em desenvolvimento nas tramas da realidade.

A história oral, vem colaborando para o processo de apreensão, leitura e análise da realidade, pois nos permite elaborar sínteses analíticas de momentos vividos e construções históricas dos sujeitos a partir de suas memórias, contradições e mediações postas na realidade. Assim, o processo de conhecer essas histórias e memórias são extremamente necessários, e significa dizer que eles nos darão condições de democratizar a palavra, como nos diz Martinelli (2019). Neste sentido, o texto é muito mais um convite para um mergulho inicial a um tema que é caro ao serviço social, em especial ao serviço social do Nordeste e de Alagoas.

2. Fontes orais e histórias: ferramentas para a construção do conhecimento

Nesse primeiro momento, tentaremos evidenciar de forma introdutória alguns aspectos importantes para refletirmos sobre a construção do conhecimento a partir uso da metodologia em história oral¹. Vamos destacar elementos que nos parecem assertivos no movimento da pesquisa em história oral, a partir das possibilidades históricas e da realidade expressa no cotidiano social. É importante destacar que a metodologia da história oral é registrada como técnica moderna de documentação histórica no ano de 1948, quando o historiador Allan Nevins, utiliza o recurso da gravação para o registro de memórias de pessoas importantes da sociedade americana (Thomson, 2000). Assim, a tal registro deu base para a construção e organização dessa metodologia de pesquisa.

Pensar a história oral é um exercício importante para a construção do conhecimento. Para Bosio (1975), o uso das fontes orais na história e ciências sociais são fundamentais na construção efetiva do conhecimento, sendo essas consideradas ferramentas importantes no plano do processo investigativo. Na pesquisa em serviço social, algumas experiências importantes a partir da história oral, já são desenvolvidas, no item dois trataremos sobre essa questão de maneira detalhada.

Para o historiador/pesquisador, as fontes orais² e a história oral³ se constituem como ferramentas significativas no processo da pesquisa. Quando pensamos em tradição oral – essa “[...] é composta por construtos verbais que são formalizados, transmitidos, compartilhados [...]”. Já as “[...] fontes orais do historiador são narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador” (Portelli, 2016, p. 9).

No encontro entre historiador/pesquisador e narrador os olhares e saberes se cruzam em uma sintonia de articulação e construção do conhecimento, é necessário em alguma medida, que essa aproximação ocorra de variadas formas, o entrevistador precisa pensar em estratégias que possibilitem a construção de uma relação de confiança.

¹ Algumas leituras garantem uma aproximação introdutória sobre história oral, vejamos algumas: Thompson (1988); Perks e Thomson (1998); Dunaway e Baum (1996); outro texto que também pode ajudar nessa aproximação introdutória é o publicado no periódico *Historia Antropología y Fuentes Orales* – Barcelona, Espanha.

² “Fonte oral é mais que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral em sentido estrito” (Meihy; Holanda, 2023, p. 13).

³ História oral é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no “tempo presente” e deve responder a um sentido de utilidade prática, social e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão, do estabelecimento de um texto e da eventual análise das entrevistas (Meihy; Holanda, 2023, p. 19).

O narrador precisa compreender a essência do ato da entrevista, pois é a partir dessa aproximação de confiança que o mergulho na história pode acontecer. A relação – diálogo é fundamental para o processo ocorrer de maneira qualitativa.

Portelli destaca que:

Tudo isso demonstra que a história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações: 1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); 2. A relação entre tempo que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); 3. A relação entre a esfera pública e privada, entre a autobiografia e a história – entre, digamos, a História e as histórias; 4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador [...] A história oral, no entanto, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores, e é por isso que, para entender o significado daqueles. (Portelli, 2016, p. 12).

Por essas razões, compreender esses aspectos seguem sendo de fundamental importância, pois é a partir deles que podemos ter um ponto de partida para a realização da pesquisa usando a história oral como metodologia, assim história oral se expressa como um conjunto de procedimentos. Para Meihy e Holanda (2023, p.15):

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua como estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

É notório, que o planejamento para a realização de todos os procedimentos deve ser um ponto importante no percurso da pesquisa. Valendo-se dessas informações, o/a pesquisador/a deve realizar a organização para sistematizar o que foi colhido com as entrevistas. Cabe verificar que, as entrevistas e os diálogos gravados são registrados e transformam-se em fontes ou documentos.

O compromisso e cuidado com todos os momentos da pesquisa possibilita que o pesquisador/a tenha tudo organizado para realizar a sistematização das histórias colhidas. Assim, “[...] a história oral como prática complexa e que integra diferentes etapas é sempre um sistema articulado onde cada parte ou lance interfere e determina o outro” (Meihy; Holanda, 2023, p. 19). É necessário conhecer, em alguma medida, alguns pontos que nos darão as condições para a realização da pesquisa. Na compreensão que:

1 – É um ato premeditado, realizado segundo a orientação expressa em um projeto; 2 – É um procedimento que acontece no *tempo real da apreensão* e que para tanto necessita de *personagens vivos* colocados em situação de diálogo; 3 – Ao assumir-se como manifestação contemporânea, a história oral mantém *vínculo inevitável com o imediato* e isso obriga reconhecer o enlace da *memória com modos de narrar*; 4 – A história oral ao valer-se da memória estabelece vínculos com a *identidade* do grupo entrevistado e assim remete à construção de *comunidades* afins; 5 – O espaço e o tempo da história oral, portanto, são o *“aqui”* e o *“agora”*, e o produto é um *documento*; 6 – Como manifestação contemporânea, a história oral se vale dos *aparatos da modernidade* para se constituir, então, além de pessoas vivas reunidas para contar algo que lhes é comum, a *eletrônica* se torna meio essencial para sua realização (Meihy; Holanda, 2023, p.14-15).

Consequentemente, é necessário que o pesquisador/a busque compreender que tais apontamentos, expressar o respeito com quem estamos entrevistando no processo de realização da pesquisa torna-se fundamental, de fato é um exercício em que a forma de chegar ao outro deve ter em sua composição respeito e humanidade, nessa busca por tentar conhecer as histórias vividas por esses sujeitos e grupos sociais. Para Alberti (2013, p. 33), é necessário observar que:

O trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significado aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se consideramos que há universais nas diferenças.

Nessa direção, entender o processo de feitura da pesquisa a partir da metodologia de pesquisa em história oral é o desafio que nos faz mergulhar em diferentes momentos da história e das pessoas que a constrói. Nesse item, buscou-se apenas de forma introdutória pontuar alguns elementos que possam ampliar o debate que vem ocorrendo no âmbito da construção do conhecimento.

3. Serviço Social e História Oral: democratização do conhecimento

Na trajetória do Serviço Social, no exercício profissional da/o assistente social, as narrativas das/os usuárias/os subsidiam muitos dos atendimentos e documentos técnicos desenvolvidos por pelo conjunto de profissionais, além da construção de diversas formas de conhecer, e da compreensão das histórias vividas pelas/os usuárias/os dos serviços sociais. Segundo Cyrulnik (2005, p. 99), “[...] a narrativa põe em cena fatos reais cuja significação depende de quem a constrói”. Tão logo, para ampliar ainda mais nossa perspectiva, Fayga Ostrower de forma assertiva aponta que as narrativas vindas das memórias são compreendidas:

[...] não apenas como registro de vivências, mas como possibilidade de retornar experiências do passado, de reavaliar seus resultados de sucesso ou fracasso e as implicações, e de reintegrá-las às experiências do presente. Assim podemos aprender com a própria experiência. Podemos agir intuitivamente e criativamente (2013, p. 157).

No serviço social, alguns importantes estudos já estão sendo feitos há alguns anos pela Professora Maria Lúcia Martinelli, a partir do Núcleo de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, o qual coordena. Esses estudos evidenciam a história oral como importante ferramenta para construção do conhecimento e democratização das palavras (Martinelli, 2019).

No ano de 2019, um significativo estudo/livro, **“A História Oral na Pesquisa em Serviço Social: da palavra ao texto”**, organizado por Maria Lucia Martinelli, Neusa Cavalcante Lima, Amor Antônio Monteiro e Rodrigo Diniz, e publicado pela Editora Cortez, ampliando assim o debate sobre história oral na pesquisa em serviço social. O livro é um convite necessário para um mergulho na realidade a partir de novos e possíveis horizontes de pesquisa, ao apresentar a importância da história oral na construção do conhecimento.

Nesse sentido, possibilita-se que outras/os pesquisadoras/es possam ter acesso ao debate sobre história oral na pesquisa em serviço social, além de demonstrar a importância da articulação interdisciplinar para a recuperação de aspectos importantes da profissão no movimento histórico da sociedade, além de nos possibilitar a ampliação de horizontes na construção do conhecimento, mantendo contato com diversas áreas das ciências. Para Martinelli (2019, p. 29) “[...] construindo-se a partir do discurso humano, valoriza a memória e a fala como instrumentos de recuperação da história e do avanço da luta social”.

É importante evidenciar, que os processos históricos vivenciados pelos diversos sujeitos sociais, se configura como um desafio para estudiosos/pesquisadores que seguem construindo pesquisas a partir da realidade cotidiana. Compreender o método de pesquisa como uma escolha ético-política determina o lugar do pesquisador/a no fazer cotidiano das suas análises, além da construção de trocas junto aos sujeitos que possibilitam as formulações e estudos no campo da história oral. Em geral,

As narrativas dos sujeitos e a interlocução com os mesmos permitem ao pesquisador apreender a dinâmica social como processo histórico em constante transformação, assim como conhecer as microtramas da vida cotidiana, as histórias da casa, do espaço doméstico, da vida das mulheres, dos velhos, das crianças. Essas narrativas nos dizem muito sobre o sentido que as pessoas atribuem às suas experiências, nas quais há certamente dimensões sociais que só são alcançadas quando historicizamos o sujeito (Martinelli, 2019, p. 30).

O exercício da escuta no processo da pesquisa em história oral é fundamental, as narrativas produzidas na articulação dialógica entre o pesquisador e os sujeitos que constroem o espaço da pesquisa são essenciais. Tão logo, “[...] saber escutar, oferecer uma escuta atenta, interativa é condição indispensável para o pesquisador, pois o momento da entrevista, apoiado no uso do gravador, é condição básica para a realização de seu trabalho” (Martinelli, 2019, p. 31). Ao ser ouvido, o sujeito narra suas experiências e reconstrói histórias em articulação direta com o contexto histórico vivido, lhe atribuindo ainda mais significado compreendendo suas histórias na dinâmica da totalidade social.

O desafio posto, é o de compreender que o exercício da construção do conhecimento no serviço social se coloca na realidade a partir de diferentes conjunturas e se tem nos sujeitos mediações importantes, a consciência do papel do sujeito no fazer histórico é inegável. Para tanto, há que se refletir sobre o significado das escolhas coletivas postas a partir do Congresso da Virada de 1979, (III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – CBAS) e todo o percurso que materializam o Projeto Ético-Político Profissional (PEP), além do alinhamento do serviço social as lutas coletivas da classe trabalhadora.

Na pesquisa em história oral, dimensões como a política e a ética devem seguir articuladas, pois o compromisso profissional é um elemento fundamental, e se conectado a metodologia de pesquisa oral pode-se ampliar os horizontes da construção do conhecimento, baseados na elaboração crítica para a compreensão da realidade, é o que nos faz refletir Martinelli (2019), com o conjunto primoroso de pesquisas que conecta história oral e pesquisa em serviço social.

4. História e memória do serviço social Alagoano: uma breve aproximação

No percurso histórico do serviço social quando fomos ouvidos? Quando pudemos contar nossas histórias? É um grande desafio relacionar trajetórias individuais de profissionais a própria história coletiva da profissão. Nesse sentido, “[...] o indivíduo é horizonte de muitos, é situado social e culturalmente, suas escolhas não são arbitrárias, expressam determinações, por isso é preciso conhecê-las e historizá-las” (Martinelli, 2019, p. 29).

Compreender que, a história da profissão é a história de cada sujeito profissional, sem elas não existiria conexões possíveis. Será que não seria o momento de tecer um pouco de

história, nos ouvindo? Martinelli (2019, p. 30), sinaliza que “[...] o interesse do pesquisador não é tanto a reconstrução precisa do passado, mas sim conhecimento de como os acontecimentos foram elaborados no trabalho contínuo da memória”. É essa memória que buscarei estudar na pesquisa sobre trajetórias profissionais em Alagoas. Nessa perspectiva, é fundamental compreender que a memória é um espaço importante para empreender análises essenciais sobre histórias narradas por sujeitos que as vivenciaram, além de ampliar as possibilidades para a construção do conhecimento, pois a história é efetivamente o pulsar da humanidade.

Em Alagoas, a proposta de estudar história e memória do serviço social alagoano a partir das trajetórias profissionais, usando a metodologia em história oral é pioneira, apresentada com nossa proposta de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social (PPGSS), no processo de doutoramento que segue em curso. Trata-se de buscar nas narrativas das pioneiras do serviço social alagoano, as histórias que precisamos conhecer e articular com as diferentes conjunturas, tendo em vista que a proposta de pesquisa delimita um marco temporal das primeiras três décadas de 1950-1980 de formação em serviço social no Estado de Alagoas, além, de conhecer seus primeiros campos de estágios, espaços sócio-ocupacionais nos serviços sociais privados e públicos no Estado que foram postos pelo Estado na década de 1960.

Ao se aproximar das histórias e memórias que serão narradas, iremos articulá-las ao conjunto de documentos da ESSPAA, Todos os documentos\registros da ESSPAA após sua incorporação à UFAL em 1972, seguem guardados na Faculdade de Serviço Social – FSSO\UFAL, porém não estão efetivamente registrados, sendo necessário a realização de um inventário para que se possa organizá-los para assim, sabermos o que se tem em números de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Trabalhos de Conclusão de Estágio (TCE) e outros documentos como jornais, possíveis fotografias, panfletos de divulgação além de outros documentos que podem subsidiar a pesquisa histórica sobre o serviço social alagoano⁴.

Tal material, em sua totalidade, representa um importante acervo/registro da história e memória do serviço social no Estado de Alagoas. Nossa pesquisa também aponta no sentido da contribuição pioneira para iniciar uma proposta de organização do inventário e catalogação\digitalização do material histórico da Escola de Serviço Social Padre Anchieta de Alagoas, esses estão desde incorporação da escola à Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em 1972, encontrando-se até hoje na guarda da Faculdade de Serviço Social (FSSO).

⁴ A Faculdade de Serviço Social (FSSO), vem tentando desenvolver um trabalho para organização e preservação desse acervo histórico, compreendendo a importância dos registros ali estão.

Um destaque importante de nossa aproximação com o tema, foram os vídeos realizados pela chapa – “A luta nos movimenta, a resistência nos fortalece” (triênio 2017-2020), a qual fez parte, que concorria à gestão do Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) 16ª Região/Alagoas, em alusão aos sessenta anos do curso de Serviço Social no estado, expondo um conjunto de entrevistas com profissionais pioneiras do serviço social alagoano⁵. Trata-se, portanto, de material audiovisual com diversas falas sobre o contexto formativo, tendências e primeiras áreas de atuação profissional no contexto de surgimento e formatação dos espaços sócio-ocupacionais que se organizavam, ainda timidamente, e absorviam as profissionais formadas em Alagoas.

Outro ponto para estudo, é tentativa de articular/analisar a dinâmica das relações sociais na conjuntura nacional, regional e local, compreendendo seus enlaces no processo de organização da profissão e sua intervenção nas tramas da sociabilidade capitalista, essas mergulhadas nas múltiplas expressões da questão social⁶ tendo como horizontes as particularidades do Estado de Alagoas marcado historicamente latifúndio, cana de açúcar e pelos fragmentos ainda presentes do coronelismo autoritário.

A fundação do primeiro espaço formativo para assistentes sociais no Estado de Alagoas é datada do fim da década de 1950, exatamente no ano de 1957⁷, na cidade de Maceió/AL, seguindo uma formação de caráter confessional\doutrinário da Igreja Católica sendo mantida pela Arquidiocese de Maceió. Dessa forma, o curso foi dirigido pelas Madres Missionárias de Jesus

⁵ Foram gravados depoimentos das seguintes profissionais: 1) Maria José Cavalcante Lima Costa (Zeca) – Formada em 1961; Jacyra Seixas Santos – Formada em 1963; Maria José da Silva (Tenar) – Formada em 1966; Terezinha de Jesus Silva – Turma de 1967; Maria Lúcia Santos Moreira da Silva – Turma de 1968; Marlene Moraes de Carvalho – Turma 1968; Terezinha Falcão Freire – Turma de 1968.

⁶ Duas contribuições sobre a questão social devem ser observadas vejamos: a questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão (Iamamoto; Carvalho, 2015, p. 77). Outra contribuição segue a partir da análise de Pimentel (2012): A “questão social” originalmente expressa no empobrecimento do trabalhador tem suas bases reais na economia capitalista. Politicamente, passa a ser reconhecida como problema na medida em que os indivíduos empobrecidos se organizam, oferecendo resistência às más condições de existência decorrentes de sua condição de trabalhadores. Nesse cenário, o movimento socialista dá o tom ao caráter reivindicatório do operariado europeu, que empreende a luta contra condições opressivas de vida e de trabalho, tendo por suporte a demanda pela satisfação de carências, considerada sob os aspectos de natureza material e moral. No percurso do desenvolvimento de um capitalismo atravessado por lutas sociais entre capital e trabalho, constituem-se respostas sociais mediadas ora por determinadas organizações sociais, ora pelo Estado, num processo impulsionado pelo movimento de reprodução do capital (Pimentel, 2012, p. 154).

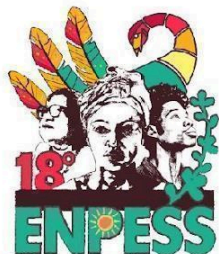
⁷ No ano de 1957 a Escola de Serviço Social Padre Anchieta de Alagoas (ESSPAA), realizou o primeiro vestibular para o curso tendo 40 pessoas inscritas, sendo aprovadas 18 (mulheres) e 1 (homem), totalizando 19 pessoas aprovadas. Em abril de 1961, 10 concluíram o curso e tornaram-se as pioneiras do serviço social Alagoano. No contexto de fundação da escola até a formação o governador de Alagoas era Muniz Falcão (1956-1961), conhecido como um governo progressista. Dessa forma, uma trama para impedi-lo de governar foi articulada por deputados (conservadores), mas ele consegue concluir sua gestão mesmo diante dessa tentativa de golpe.

Crucificado (MJC), tal congregação foi responsável por gerir muitas escolas de serviço social por todo o país. Para Alves (2008, p. 54), evidência alguns elementos sobre a gestão da escola pela MJC:

A primeira experiência das Missionárias de Jesus Crucificado na Arquidiocese de Maceió, aconteceu em 1955, quando aqui vieram a convite de Dom Adelmo Cavalcanti Machado para assumirem a direção de uma Escola de Serviço Social. O trabalho das Missionárias de Jesus Crucificado com a formação em serviço social era conhecido nacionalmente, pois naquele momento o Brasil contava com a existência de 24 escolas de Serviço Social, sendo que 10 eram entregues às religiosas e 08 eram administradas pelas Missionárias de Jesus Crucificado. A criação da Escola encontra-se registrada no livro de Atas da Fundação Arquidiocesana, página 08, com a presença de uma das religiosas na reunião, datada de 09 de dezembro de 1955.

Foram muitos esforços para que a ESSPAA, pudesse ser fundada e com isso a formação dos primeiros assistentes sociais se inicia-se no Estado de Alagoas, a proposta de evidenciar alguns elementos desse processo é o de que possamos nos aproximar e conhecer um pouco da nossa história enquanto profissão na particularidade alagoana, o cenário e as tramas postas dão o tom de como esse movimento de criação da escola se configurou a partir das necessidades que emergiram da relações sociais e da estratégia da Igreja católica no plano da manutenção de suas estratégias para permanecer no controle da vida e da participação política local, essa última bastante presente nos processos da realidade alagoana.

No início o curso era de caráter privado, e só no ano de 1972, torna-se público, ao passo em que a Escola de Serviço Social Padre Anchieta de Alagoas (ESSPAA), é incorporada à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e com isso, opera-se um conjunto de mudanças no processo de formação, tendo em vista também que na profissão, muitos debates são postos em evidência nesse período. Abaixo apresentamos as comunicações em forma de panfletos divulgados na época para o ingresso no curso de serviço social da ESSPAA.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

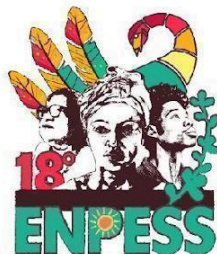
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Imagem 1 – Condições para ingresso no curso de serviço social – Programa de estudo para prova do vestibular da ESSPAA



Fonte: Acervo da Faculdade de Serviço Social – FSSO/UFAL

Imagem 2 – Frente e verso de um dos panfletos de divulgação da ESSPAA



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Condições de Admissão

Idade mínima — 18 anos

Para o Concurso de Habilitação deve o candidato apresentar um requerimento de inscrição, acompanhado dos seguintes documentos:

- Prova de conclusão de curso do 1.º e 2.º Ciclo — Histórico escolar em duas vias
- Carteira de Identidade
- Atestado de Idoneidade Moral
- Atestado de Sanidade física e mental e abreviatura
- Certidão de nascimento
- Prova de pagamento da taxa de inscrição
- 2 retratos 3/4

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL PADRE
ANCHIETA, DE ALAGOAS

Ângelo Neto, 279 — FAROL — Maceió

Fone : 2275

Colaboração do SESI



SERVIÇO SOCIAL

PROFISSÃO DA ATUALIDADE

Como encara você a atual conjuntura brasileira?

- com otimismo?
- com pessimismo?
- angustia-se em querer ajudar aos outros?

Se quer preparar-se para atuar na problemática contemporânea...

Se quer integrar-se na perspectiva "humano social" dos problemas que lhe são propostos...

Se lhe atrai o trabalho social com indivíduos e grupos...

Se quer participar da elaboração e execução de programas de Desenvolvimento e Organização de Comunidade...

Se lhe interessa o bem estar social...

Procure ingressar na

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

que lhe treinará para a profissão de

ASISTENTE SOCIAL

A Escola de Serviço Social coopera:

consciente,
ativa,
eficientemente,

para formar pessoal especializado

— OS ASSISTENTES SOCIAIS —

que ajudarão o homem:

- a libertar-se de sobrecargas de limitações que o constroem...
- a preparar-se ao diálogo com os seus pares e com outros povos...
- a reencontrar os autênticos valores cristãos da justiça e do amor.

O currículo mínimo de uma Escola de Serviço Social, abrangerá:

- 1 — Introdução ao Serviço Social
- 2 — Serviço Social de Casos
- 3 — Serviço Social de Grupo
- 4 — Desenvolvimento e Organização de Comunidade
- 5 — Administração em Serviço Social
- 6 — Psicologia
- 7 — Sociologia
- 8 — Pesquisa Social
- 9 — Economia Social
- 10 — Direito
- 11 — Ética
- 12 — Higiene e Medicina Social

Imagem 3 - Panfleto de divulgação do curso de serviço social da ESSPAA



Fonte: Arquivo do site História de Alagoas

(<https://www.historiadealagoas.com.br/escola-de-servico-social-padre-anchieta.html>)

Na primeira década de existência a ESSPAA, consolida uma formação de qualidade, a base confessional\doutrinária alinhada a conteúdos filosóficos, expressam uma forma de construção do conhecimento que tem ao mesmo tempo o caráter confessional, mas compreende que a formação precisa de elementos da ciências humanas para qualificar a atuação desses profissionais de serviço social, pois esses seguiram intervindo na realidade social marcada pelas expressões da questão social e suas particularidades no cenário alagoano da época. Fernandes (2011, p. 14), evidencia que:

Os grandes e sábios tratados sobre o Serviço Social ainda não haviam sido escritos. A profissão era nova até no mundo, quanto mais no Brasil e no nordeste. Além dos livros específicos das outras matérias da nossa grade curricular, estudávamos então tudo que pudesse nos ajudar no desempenho da nossa missão. As Encíclicas Papais relacionadas aos problemas sociais, as teorias de Marx, os livros de Jorge Amado e de Gilberto Freire, os artigos dos socialistas e idealistas famosos daquela época de pregações e mudanças sociais, escritos importantes de sociologia rural e urbana, bem como os trabalhos de os trabalhos de conclusão de curso, narrando experiências profissionais de Escolas de Serviço

Social do Rio, São Paulo e Recife, misturavam-se nos nossos estudos e debates, acrescidos das poucas publicações existentes sobre Serviço Social de Caso, Grupo e Comunidade.

Trata-se de desenvolver de forma efetiva uma aproximação direta com a história e a memória do serviço social alagoano a partir da metodologia de pesquisa oral, ouvindo as pioneiras do serviço social no Estado. Muitas das histórias, são contadas pelas pioneiras em conversas e poucos registros feitos, a proposta é que possamos sistematizar de forma organizada e acessando também o conjunto de fontes para analisar aspectos importantes da história do serviço social alagoano e de sua relevância para a própria história do Estado de Alagoas.

5. Algumas Considerações

A metodologia da História Oral é uma escolha que representa, sobretudo um posicionamento ético-político que se expressa no horizonte societário de transformação da estruturas postas, aqui não falamos apenas em coleta de dados, mas sim em uma conexão direta entre pesquisadores e sujeitos que participam da pesquisa, pois é a partir do relato oral, das diversas narrativas que podemos compreender e aprofundar elementos para análises conjunturais e históricas vividas pelos sujeitos.

Ao acessar as histórias e memórias dos sujeitos, a oralidade acaba por nos provocar a compreender como os sujeitos se aproximam e dão significado à realidade vivida, de como existimos para além da aparência e das identidades que são socialmente atribuídas. Assim, deve-se evidenciar as possibilidades que são postas ao utilizarmos a metodologia de pesquisa oral na pesquisa em serviço social. No processo de pesquisa em história oral, é importante analisar que as fases da pesquisa, são conectadas e devem se articular, pois o significado da totalidade do percurso exigirá que o pesquisador siga atento ao que pode ser evidenciado e/ou desvendado no decorrer do caminho, além de observar que o instrumento da escrita é político e deve seguir como espaço de elaboração crítica.

Vale ressaltar que o presente texto não tem a intenção de esgotar o debate, mas sim provocar reflexões no âmbito da pesquisa em serviço social que possam ampliar as possibilidades de movimentar histórias e memórias que não conhecemos ou que conhecemos apenas de forma fragmentada e superficial, o convite é para mergulharmos nas tramas do cotidiano que impactam a profissão, e que possamos construir leituras e análises críticas de processos históricos vividos.

Assim, a metodologia de pesquisa em história oral, pode ser entendida como espaço fecundo para construção do conhecimento, além de nos possibilitar a realização de muitas e necessárias mediações, pois nos aproxima de narrativas que nos permitem um contato direto com particularidades e detalhes que por muito tempo ficaram envoltos em um névoa densa, podendo esses serem postos em evidência para análises no serviço social a partir de novas construções no âmbito das pesquisas, projetos de extensão e no próprio exercício profissional. Ousar é preciso para que possamos subverter a realidade!

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 236 p.

ALVES, Maria Jeane. **Mulheres Contra o Arbítrio**: as missionárias de Jesus crucificado e a escola de serviço social padre Anchieta em Maceió em tempos de AI-5. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2009. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/285/1/dissertacao_maria_jeane_santos.pdf. Acesso em: 08 jul. 2024.

BOSIO, Gianni. Fonti orali e storiografia. In: BOSIO, Gianni. **L'intellettuale rovesciato**. Milano: Edizioni Bella Ciao, 1975. p. 263-268.

CYRULNIK, Boris. **O Murmúrio dos Fantasma**s. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 200 p. Coleção Psicologia e Pedagogia.

FERNANDES, Almira Gouveia Alves (Org.). **Pioneiras do Serviço Social em Alagoas turma de 1960**: Jubileu de Ouro 30-abril-1961/30 -abril-2011. Maceió, 2011.

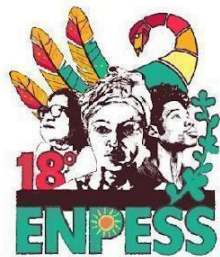
MARTINELLI, Maria Lúcia. História Oral: exercício democrático da palavra. In: MARTINELLI, Maria Lúcia; LIMA, Neusa Cavalcante; MONTEIRO, Amor Antônio; DINIZ, Rodrigo (orgs.). **A história oral na pesquisa em serviço social**: da palavra ao texto. São Paulo: Cortez, 2019. p. 27-39.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2023. 176 p.

OSTROWER, Fayga Perla. **Acasos e criação artística**. Campinas: Unicamp, 2014. 400 p.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. 200 p. Coleção de Ideias.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz; Casa de Oswaldo Cruz; Editora Fgv, 2000. 204 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2707>. Acesso em: 08 jul. 2024.



**Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

**Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social**